

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Purkinje

• Guido Arturo Palomba

Célula de Purkinje, no cerebelo; fibras de Purkinje, no coração; vesícula germinativa de Purkinje, no ovo das aves; imagens de Purkinje, originadas pela reflexão em superfícies refringentes do olho, e mais figura vascular de Purkinje, fenômeno de Purkinje e cilindro de Purkinje na fibra nervosa, são nomes a recordar alguns descobrimentos do grande fisiologista João Evangelista Purkinje, mas não são suficientes para representar a importância das suas investigações.

Filho maior do administrador de uma fazenda da família feudal Dietrichstein, uma das mais poderosas da Boêmia, João Evangelista Purkinje nasceu aos 18 de dezembro de 1787. A mãe era campestre alegre e formosa; o pai, culto e capaz, levava o filho nas suas rondas, familiarizando-o, desde pequeno, com os homens e com a natureza.

Aos 6 anos (quando ficou órfão de pai) iniciara os estudos elementares na escola de sua cidade natal. Nessa, não poderia adquirir mais do que os ensinamentos básicos e graças à ajuda financeira de amigos da família foi ser corista no convento dos Esculápios, em outra cidade dos latifúndios da família Dietrichstein, em Mikulov (Morávia do Sul). No início, o jovem Purkinje não conhecia a língua alemã, que ali se falava, mas a sua inteligência inata ajudou-o a alcançar em pouco tempo os outros alunos e colocar-se entre os melhores. Era um gênio. Terminados os estudos básicos, devido ao desejo de adquirir educação e conhe-

cimentos superiores, entrou para a vida religiosa de monastério católico, onde estudou línguas estrangeiras, filosofia e teologia, durante três anos, findos os quais saiu para ingressar na Universidade de Praga. A saída da ordem religiosa significava para ele o exercício da liberdade e a realização de seus desejos em nível científico, não teológico.

Na Universidade chamou a atenção do professor de botânica J.E.Pohl (1782-1834), cinco anos mais velho do que ele. Pohl, mais tarde, participou de uma exploração científica no Brasil, ocupando-se, ao regressar, em catalogar o farto material científico aqui conseguido. Pohl recomendou Purkinje ao barão Francisco Hildebrandt, que muito o ajudou no custeio dos estudos.

Ingressou na Faculdade de Medicina em 1812, não com a intenção de ser médico, mas para poder conhecer mais profundamen-

te as ciências naturais, sua verdadeira vocação. A fisiologia era o que mais lhe interessava. Cria numa lei natural, a qual poderia ser deduzida claramente da observação dos fenômenos naturais, e quanto às aparentes exceções e complicações, essas poderiam ser um dia resolvidas na harmonia que penetra tudo.

Purkinje trabalhou com medicamentos, que experimentava no próprio corpo, e não em *corpore vili*, em animal, pois "os resultados mais seguros se obtêm fazendo o experimento em si próprio, procedendo, naturalmente, com suma prudência, pois, experimentando-se em *corpore nobili*, o valor é maior, especialmente na esfera da sensibilidade, quanto mais aguda for a faculdade perceptiva, ao passo que os experimentos em animais podem bastar apenas nas esferas das atividades vegetativas e motoras" (1829). De suas observações nas-

ceu uma série de novos conhecimentos, a maioria valiosa até hoje, pois a capacidade extraordinária de Purkinje para observar a si mesmo lhe permitiu estudar e descrever as reações com maior precisão, sensorial e psíquica.

Essa sua particularidade, o seu caráter de investigador exato, realista e empírico, despertou a curiosidade de Goethe, e eles chegaram a se encontrar em Berlim, causando grande impressão ao poeta alemão. Mas havia entre ambos um abismo infranqueável. Goethe mirava o mundo com os olhos de artista, que, para criar, vai com o pensamento à fantasia, e Purkinje, ao contrário, pensador racional, ia em busca das leis do processo vital em todas as formas de vida e por todos os meios de alcance: "Em todo organismo — escreveu a um discípulo — não deveria existir nada que não fosse conhecido até os seus últimos detalhes. Assim, todo organismo, toda a natureza, será transparente ao olho e à razão."

Foi professor da Universidade de Breslau, onde lecionava fisiologia e tinha o seu laboratório de pesquisa, oficina onde se fez imortal. Aos 28 de julho de 1869, aos 82 anos de idade, faleceu, e sua concepção filosófica, que sempre iluminou a sua ciência fisiológica, pode ser resumida na frase seguinte: "A vida entrou na natureza inorgânica para observar suas leis, não para destruí-la."

• Guido Arturo Palomba é diretor do Departamento Cultural da APM.

O centenário de Júlio de Mesquita Filho

* Roberto Machado Carvalho

No dia 14 de fevereiro último as efemérides dos grandes vultos de São Paulo e do Brasil registraram a passagem do centenário de nascimento de Júlio de Mesquita Filho, o eminente jornalista que nas páginas de O Estado de S. Paulo - um dos maiores órgãos da imprensa mundial - pontificou como seu diretor responsável por um período de 42 anos (1927-1969) como um dos mais lúcidos e cultos homens da imprensa livre. Sim, livre porque ele foi, antes de tudo, um intransigente defensor das liberdades de pensamento ou opiniões, permitindo que, nas páginas de seu jornal, as idéias conflitantes tivessem ampla guarida e trânsito e delas surgissem as melhores soluções para as questões nacionais.

Para alcançar, porém, a posição de destaque na imprensa brasileira, americana e mundial, Júlio de Mesquita Filho preparou-se desde a infância. Nasceu em lar de gente aristocrata, pensadores-políticos, atmosfera impregnada de idéias e ideais.

Era o casarão de seu avô, o senador José Alves de Cerqueira César, no largo da Liberdade, capital paulista - onde nasceu o futuro jornalista -, freqüentado pelas figuras de maior prestígio na política estadual e federal.

Entre eles, seu pai, o "príncipe dos jornalistas", Júlio Mesquita e seu tio-avô, então presidente do Estado, Campos Sales. Lá, o menino ouvia atentamente - embora pouco entendesse - conversas ou discussões envolvendo os nomes de São Paulo e do Brasil. Mais atento ficou ao iniciar o aprendizado das primeiras letras na Escola "Caetano de Campos", recém-inaugurada e padrão modelar do velho ensino paulista. Depois, aos 12 anos (1904), seu pai resolve mandá-lo para as escolas européias, primeiro em Portugal (Lisboa) e, depois,

na Suíça (Genebra), com o objetivo de proporcionar ao jovem uma sólida cultura humanística e científica, fundamentada em rígida disciplina intelectual.

O estudante demonstra enorme vontade de aprender as filosofias, histórias e sociologias das velhas civilizações européias, mormente as grega, romana, portuguesa e francesa. Passa a ler e meditar sobre as obras clássicas, demonstrando grande simpatia pelas doutrinas fundamentadas nas liberdades humanas. Mais tarde, elas evoluem em seu espírito para a democracia social, tornando-se um notável líder da resistência a qualquer for-

estimulado pelo pai, como também pelas pregações cívicas de Olavo Bilac e Ruy Barbosa. Participa da grande campanha de saneamento moral e cívico da Pátria e de um sadio nacionalismo. Em 1921 é promovido a secretário do Jornal e em 27, com o falecimento do pai, a diretor, até seu falecimento em 12 de julho de 1969. Participou então de todos os acontecimentos do Brasil contemporâneo. Solidário com os ideais dos tenentes revolucionários de 1922 (Forte de Copacabana), de 24 em São Paulo (chefiado por Isidoro Dias Lopes), de 26 e 27 (Marcha da Coluna Prestes) e da Revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas ao po-

fazenda da família em Louveira, onde recebe a notícia da queda do caudilho sulista. Vargas retorna ao poder em 50, através de eleições. O jornalista lamenta sua volta e combate seu emissário em São Paulo, o interventor Adhemar de Barros. Em 54 acompanha a crise de agosto, com o trágico desfecho do suicídio de Vargas. Dez anos depois é solicitado por altas patentes das Forças Armadas a dar sua opinião sobre a Revolução de 1964 que conduziu o marechal Castelo Branco à chefia da nação. Escreve então o magnífico "Roteiro da Revolução", através do qual oferece lúcidos conselhos, bem atuais, para uma limpeza política da Pátria: profunda reestruturação administrativa do Poder Executivo, suspensão das imunidades parlamentares, seguida pelo fechamento, por tempo necessário para novas eleições, da Câmara e Senado, eliminação de tudo que havia de negativo na Justiça, ressaltando a magnitude do Poder Judiciário que devia ser preservado, a criteriosa escolha de ministros, idôneos e competentes, para ganhar a confiança do povo.

As decepções, porém, de Júlio de Mesquita Filho e de todos os autênticos democratas não demoraram. Verificou logo que 64 tomava outros rumos e que aquela Revolução não era a dos seus sonhos. Amargura maior veio com o Ato Institucional n.º 5. Em lugar dos Tribunais e da Justiça, vieram as repressões e violências, provocando grandes estragos na tradição democrática de nosso povo. Não resistiu o bravo lutador. Poucos meses depois, terminava seus dias neste mundo. Na verdade, não seria feliz se tivesse vivido mais tempo. As amarguras iriam se multiplicar. Para São Paulo e o Brasil, entretanto, a lacuna que deixou não foi preenchida.

* Roberto Machado Carvalho é presidente da Academia Cristã de Letras.

“As decepções, porém, de Júlio de Mesquita Filho e de todos os autênticos democratas não demoraram. Verificou logo que 64 tomava outros rumos e que aquela Revolução não era a dos seus sonhos. Amargura maior veio com o Ato Institucional n.º 5.”

ma de ditadura ou de ausência de respeito que merece todo ser humano. Nesse ponto, entendia democracia como a maneira de elevar o homem desprotegido ao nível da elite privilegiada, através da consciência de todos os cidadãos, afastando discriminações individuais ou coletivas e lutas de classes.

Saudoso da Pátria e após seis anos, retorna ao Brasil (1910). Em 1916 recebe o grau de bacharel em Direito pela Faculdade do largo de São Francisco. Ainda estudante escrevia artigos para O Estado de S. Paulo, sempre

Percebendo a traição aos princípios de 30, Mesquita Filho pegou em armas na Revolução paulista de 32, por uma Constituição e um governo democrático. Abafada a revolta, foi preso e exilado. No retorno, continua a combater, corajosamente, o governo Vargas. Mais ainda, durante o Estado novo (37 a 45). É novamente preso e exilado e seu jornal é confiscado da família Mesquita e dirigido, por cinco anos, pelos prepostos de Vargas.

Retornando ao País, é preso em 44 e confinado na

Quebra da disciplina na guerra do Vietnã

* Walter Pinheiro Guerra

Com o título em epígrafe, o major Clóvis A. Travassos Costa apresentou na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército sua tese. Decidi abordar este tema, em que pese o tempo decorrido daquele conflito, por ter sido um dos fatores do insucesso americano naquela guerra. Tomei como base essa tese devido ser pouco conhecida do público em geral. Estampou-a a Revista do Exército Brasileiro n.º 2, de abril/junho de 1982. O assunto pareceu-me ainda atual, em vista do consumo de drogas em nossa sociedade.

Assevera seu autor que a literatura sobre o assunto é escassa, mesmo para os militares brasileiros, e de difícil acesso. Analisa o ambiente em que se vivia no ocidente, anotada como uma causa externa da má exibição militar norte-americana naquele país asiático. O autor, de sua parte, serviu-se de artigos da lavra dos comentaristas político-militares Paul L. Savage e Richard A. Gabriel, ambos da América. Análise que aborda aspectos sociológicos, tático-estratégicos, logístico, disponibilidade de recursos humanos e materiais, e disciplina durante a campanha. Quanto à esta, sobre a qual assenta-se o bom desempenho da tropa combatente. Como quase se desintegro do lado americano, o que não se observou entre os vietnamitas. Entre as causas internas, aponta a pouca aceitação popular da guerra entre o povo americano, por tratar-se de uma "guerra atípica, não declarada oficialmente, que extinguiu-se sem ato formal de rendição". Foi "uma guerra clandestina, deflagrada à sombra do povo e do Congresso". Lembra o autor que nos anos 50 e 60, no mundo ocidental, inclusive nos Estados Unidos, assistiu-se entre surpreso e impotente, o surgimento de rebeldias juvenis de estudantes contra professores; revolta contra a tutela familiar; contra os conceitos morais há muito existentes; contestação às autoridades constituídas; movimentos em prol da permissividade sexual; repúdio generalizado contra a disciplina social e a militar vigentes. Instaura-se em clima favorável à criminalidade, à prostituição, à violência e à toxicomania. Esse era o caldo de cultura quando eclodiu o conflito.

Tanto soldados quanto jo-

vens oficiais consideravam injustificável o envolvimento dos Estados Unidos com problemas internos do "longínquo e desconhecido Vietnã". O recrutamento foi discriminatório, uma vez que os pertencentes a classes mais baixas foram chamados para servir, enquanto grupos privilegiados dos colégios e universidades encontraram meios de burlar a convocação. E a indagação do autor: "Essa juventude que deu origem a praças, graduados e uma jovem oficialidade teria condições de combater bravamente, honrando as tradições passadas dos Estados Unidos?" Além da desmotivação para a guerra, havia outro sério problema: os conflitos raciais vigentes na nação americana, sobretudo em seguida à criação das leis que instituíam a integração racial nas escolas públicas. Houve, no decorrer da guerra, soldados negros que contesta-

determina dependência psíquica, de uso oral ou endovenoso, provoca sonolência, estupor, intensa euforia, instabilidade e nervosismo, podendo levar ao coma. O que se pode esperar de um contingente militar, do qual, um terço, é viciado nesses tóxicos!

Desertores - Foram elevados os índices médios anuais de deserções no exército americano. Atingiu 3,9%, ao passo que na II Guerra Mundial foi de apenas 0,7% nas Forças Armadas americanas. Enfatiza o autor que não foi por conta de excessivas pressões de combate, que se traduz pelo número de baixas fatais.

Recusa ao combate - Gerou uma modalidade de indisciplina. Em 1968, houve 68 recusas à luta nas sete Divisões americanas engajadas no Vietnã. Acredita o autor, não dispondo de dados oficiais, que a progressiva e sintomática desin-

Segundo os analistas já citados, cerca de um terço do efetivo norte-americano fazia uso intensivo de drogas, especialmente heroína. Proporção realmente apavorante e jamais constatada em outro contingente. Eles asseguram que o fato consumo de drogas parece ter contado com a tolerância e mesmo com a cumplicidade criminosa dos escalões superiores: "As drogas ficavam expostas em público e em lugares conhecidos por todos os militares, de general a soldados." A distribuição organizada de drogas era aceita como necessária para apoiar o governo sul-vietnamita, o próprio fornecedor dos entorpecentes destruidores do Exército que os defendia. Asseguram que tanto a CIA como o corpo diplomático frustraram e bloquearam as investigações sobre o tráfico de heroína, realizadas por outros órgãos federais. E conclui o autor: "Nenhum exército jamais operou e muito menos lutou bravamente quando 28,5% de suas tropas consumiram heroína." Lembra que anos antes, fortes contingentes franceses enfrentaram o mesmo inimigo vietnamita. Não há notícia de que entre as tropas francesas houvesse um só caso de uso intensivo ou tráfico de drogas. A oficialidade francesa, atenta, não o teria permitido.

Irregularidade no corpo de oficiais - Acha o autor que a oficialidade norte-americana cumpriu os seus deveres militares procurando preservar a sua integridade física e a de seus comandados. Faltou-lhes, porém, "aquele algo mais" que os brasileiros sempre demonstraram, realizando, oficiais e soldados, façanhas extraordinárias com exata compreensão de suas obrigações. De modo geral, os oficiais "preferiam sempre manter-se na retaguarda". Atesta-o o baixo percentual de baixas entre a oficialidade. Aceita-se a idéia difundida de que generais e coronéis estiveram ausentes da luta. Não é de admirar o episódio de que ocupou-se a imprensa mundial quanto ao ocorrido na aldeia de My Lai, quando o oficial em comando e sua tropa, pura e simplesmente, exterminaram toda a população civil do povoado, sem a menor complacência! Indo a julgamento no pós-guerra, o comandante não sofreu a menor punição... Havia um constante rodízio de oficiais que serviam nas frentes de combate pelo período de seis

meses, ao passo que os graduados e soldados a exigência era de doze meses. Não ocorria, portanto, o salutar e necessário convívio entre oficiais e praças, que permite um melhor entrosamento e conhecimento mútuo e elos de solidariedade, nos bons e maus momentos. Esta tem sido a recomendação para os corpos em combate. Foi o que observou-se entre os combatentes da II Guerra Mundial, tanto entre alemães, russos e unidades anglo-americanas, mantendo-se sempre juntos até o final do conflito. Ao retornarem dos períodos de "recuperação", não reassumiam o comando anterior. Permaneciam em escalões mais à retaguarda, distanciados dos combates.

Quanto aos vietnamitas, defendendo o solo pátrio, mantinham-se em atividade o tempo todo, sempre juntos, possuídos de ardor patriótico. A prova está que, por setenta anos, resistiram ao domínio francês até que Ho Chi Minh alcançou a independência da antiga Indochina. A seleção das tropas vietnamitas era rigorosa e deveras eficiente. O mesmo se dava com a oficialidade, altamente instruída e capaz. Várias vezes os vietnamitas invadiram instalações norte-americanas fortemente vigiadas, causando-lhes grandes transtornos e prejuízos materiais, o que concorreu para mais abater psicologicamente o adversário. "A audácia vietnamita venceu o poderio militar norte-americano", sentenciou o autor. O sucesso dessas investidas tornava os americanos temporariamente apáticos. De outra parte, "a grande habilidade, a coragem e lealdade dos oficiais vietnamitas fizeram com que se tornassem verdadeiros ídolos de seus soldados". Rapidamente o povo americano esqueceu seus heróis e aliados com que combateram na II Grande Guerra, inclusive a nossa FEB, que deixou em campos da Itália mais de quatrocentas vítimas e heróis cobertos de glórias. Felizmente para a humanidade a recente Guerra do Golfo restituiu o prestígio ao Exército americano que, com seus aliados, terminou-a em 48 dias e com parcas baixas da grande república do norte.

* Walter Pinheiro Guerra é membro do Departamento Cultural da APM.



vam a autoridade de oficiais e graduados brancos e dos soldados brancos que sentiam-se diminuídos pela liderança de oficiais e graduados negros. Eram constantes os conflitos entre brancos e negros e vice-versa ou entre os próprios brancos. Agravava a situação o uso generalizado de tóxicos: maconha e heroína, a refletirem sobre o péssimo desempenho das tropas americanas.

O uso de tóxicos

A título de contribuição pessoal, vejamos a sintomatologia causada por eles: **maconha** (canabis) - não determina dependência, causa excitação, seguida de tranquilização relaxante, euforia e excitabilidade intercaladas. E também sonolência, distorção quanto à avaliação de tempo e espaço, logorria com voz pastosa, alucinações, sobretudo visuais, pânico e intensa ansiedade. **Heroína** (metilmorfina) - considerada como tóxico pesado, que tegração militar pelas deserções

e assassinatos de chefes foi bem maior.

Atentados contra oficiais e graduados - Durante essa mal-sinada guerra, surgiu um neologismo no linguajar americano: "fragging", que vem de "fragmentation", para designar atentados de soldados contra oficiais e graduados mediante o emprego de engenhos, no desenrolar das operações bélicas. Com o propósito de minimizar, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos deixou de reconhecer a ocorrência até 31 de dezembro de 1973 de nada menos do que 1.016 casos de atentados contra oficiais e graduados! Obra de soldados combatentes. Meios utilizados: engenhos explosivos, tiros de fuzil, emboscadas com minas antipessoais, má orientação para locais de ciladas inimigas. Ocorrências inéditas, não observadas na II Grande Guerra ou na Guerra da Coréia. Evidente deterioração moral, nunca antes observada.

Parnaso pirotécnico

* Levi Sodré

Rei propriamente não... São Paulo possuía provedores, alcaides-mores, mas seus Reis eram outros: o do Café, o do Açúcar Colonial e o da Indústria.

Mais precisamente a repetição de Reis do Café: um Bandeirante, um Capitão do Mato e vários imigrantes: um Geremia Lunardelli, um João Mellão, um Ometto, um Érico de Azevedo Sodré. Propriamente dito apenas um fugira, na colônia de o ser, refugiando-se junto aos Franciscanos, e outro, muitos anos depois, vindo de Brasília frustrado em sua pretensão. Mas o poder deífica, diviniza até os mais avisados e espiritualizados, incluindo os de família desse ofício: a Realeza.

Um grande governador como Carlos de Campos, morando em hotel por mais portentoso que fosse, não ficava certo. Daí o palácio. Esse sim no melhor estilo "fin de siècle" com a marca CE na arquitetura, na decoração, na serralheria. CE pois pertencera ao

Rei do Café Elias Chaves, pal de meu Irmão Amigo Evail, a quem homenageio como verdadeiro IA pelo sentido de fraternidade de nosso Clube.

Palácio e Rei... imperador jamais. Pois sou monarquista em transição; outrossim, jornalista e comunicador em caminho de contista, memorialista independente, preocupado, como os meus amigos e parentes, com a verdade, a moral e a ética, hoje tão fora de moda.

O Campos Elíseos (CE) resistiu a galolada de pássaros, algumas festanças, troca de governos e governos de troca, interinidades respeitáveis, transitoriedades rápidas: uma de três dias - carnavais de interesses, sonhos e paixões burlescas, revoluções, constituições, pré-movimentos e pregações.

São Paulo com o Palácio que merecia teve só quase Reis de seu destino de predestinado: num desfil de sombras e glórias, de brancos, índios, padres e pretos, semideuses e semidemônios...

Rainhas não... Uma lembrança perdida no tempo de Bartira, e de uma Ana Camacho no escuro dos adros das Igrejas e só. Até que o Palácio auto-incendiou-se depois de inteiramente restaurado pelo que mereciam os somatários de sua grandeza; obra do carinho e competência numa restauração perfeita baseada em pesquisas, fotos e depoimentos, deixando-o como fora, perfeito e íntegro, sob a orientação da primeira-dama.

Suor, calor, fumaça, ácidos, gritos, descontrolo e controle, e desespero de auto-afirmação, fizeram com que Miguel, Marco Antônio e eu em desmando subíssemos no carro de Elias, atirando do segundo andar roupas, documentos, e o que podíamos e ouvindo contra-ordens.

Juventude que só o amor traz e o dever intímido produz. Noite longa de agonia e olhares esbugalhados, de firmeza cruel, de atitudes que doam fundo no peito com os olhos secos e ardidos...

Manhã seguinte: carvão

negro, fumaça no chão cobria nossos pés ao sabor do vento, olhávamos o palácio ou o que havia sido, pois fora sem dúvida forte e imponente...

Meu olhar aflito perscruta horizontes e disfarça emoções, quando vejo alguns elos de ouro nas cinzas, elos de frutos de café, de uma pulseira, pego e entrego à Maria do Carmo.

Hoje sei que o Palácio da minha infância e mocidade tinha uma rainha e uma fila enorme de aias numa corrente magnífica de mulheres fortes em sua transcendência. Esta pulseira havia sido dada por seu pai João Mellão, quando ficara noiva.

Sei agora que lá reside, por ser da família governamental, a avó de dona Ika, outra senhora da família Baltazar de Abreu Sodré - dona Leonor - gente antiga que sabe zelar pela paulistanidade. Deo Gratias.

* Levi Sodré é advogado e jornalista, assessor da presidência da Fundação Cásper Líbero e ex-chefe de cerimonial do Estado.

Coluna do livro

A Faculdade de Medicina da USP e o Museu Histórico da "Casa de Arnaldo" realizaram no dia 3 de fevereiro passado sessão solene, com vários eventos. Entre eles, a inauguração de retratos das médicas Odete Nora de Azevedo Antunes (1896-1982) e Délia Ferraz Fávero (1896-1982), primeiras diplomadas pela antiga Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1918 (1.ª turma). Inaugurou-se, também, os retratos dos professores Antonino dos Santos Rocha, Eurico da Silva Bastos, Pedro de Alcântara, Eduardo Marcondes, Cecílio José Carneiro, André Dreyfus, Durval Marcondes e Paulo da Cunha Nóbrega. Na ocasião, foram homenageados Sebastião de Camargo Calazans, João Alves Meira, Raphael da Nova, Raphael Fávero (1895-1982), Peter Brian Medawar (1915-1987) e o antigo zelador da Faculdade de Medicina da USP, Américo Lourenço. Falaram os professores Adib Jatene e Carlos da Silva Lacaz.

O livro *Meditação, a chave para a nova era*, ed. Magos, S.P., de Renato Mayol, lançado no final do ano passado, parte da premissa de que o uso da reflexão, da introspecção e do autoconhecimento pode levar o homem a libertar-se do comportamento que o faz vítima das circunstâncias. O autor, médico, ensina de que forma podemos ser moldados através da meditação, verdadeira chave mental que permite ao homem assumir o controle de sua vida, a qual lhe abre as portas de uma outra dimensão e de uma nova existência. O livro traz, de maneira clara e didática, exercícios de relaxamento, de respiração, de concentração e de visualização criativa, propiciando situações para o encontro do indivíduo consigo mesmo.

Em 16 de janeiro do ano passado, foi fundada, em São Paulo, a Associação Brasileira de Alzheimer, Doenças Similares e Idosos de Alta Dependência. Trata-se de entidade sem fins lucrativos que visa ao bem-estar dos pacientes e dos familiares portadores desse mal degenerativo e similares. Conta com corpo profissional multidisciplinar de atendimento e já expandiu-se para outros locais do Brasil. O presidente da entidade, Norton Sayeg, lançou um livro, *Doença de Alzheimer*, escrito em linguagem acessível ao público leigo. O lançamento oficial ocorreu durante o IX Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, com grande aceitação por parte dos que estiveram presentes ao evento. G.A.P.

Súplica

Mariazinha Congílio Vidigal

Deus e Senhor:

Dai ao amante a fraqueza

e a força de amar

Dignidade ao humilde

Coragem aos tímidos

Que asas sejam oferecidas

àquele que deseja voar

Que ao triste seja doado

a alegria de viver

Salpicai de futuro

as mãos dos anciãos

Jogai experiência aos pés da criança

Reforçai a esperança

daquele que acredita e confia

Que uma dose de saudade seja oferecida

ao descrente.

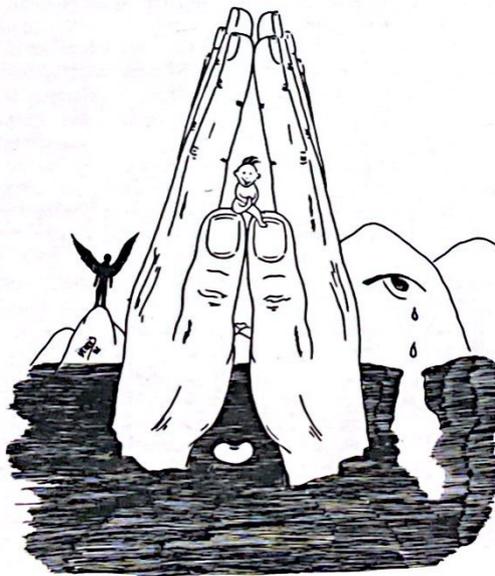
O principal:

para não entravar o progresso

de vida e de futuro

retirai a dúvida

dos indecisos



Médicos pintores e escultores

Entre em contato com o Departamento Cultural da APM.

Tel: (011) 37-4581, ramais 29, 30 e 31.